



JACQUES RANCIÈRE

os
nomes
da
história

ENSAIO DE POÉTICA
DO SABER



editora
unesp

Resumo de Os Nomes da História

O principal objetivo de Jacques Rancière aqui é fazer uma crítica às escolas historiográficas mais proeminentes e analisar como cada corrente constrói seu discurso a partir do termo *histoire*, empregado para História e história – daí o título “os nomes da história”.

Ele também busca identificar como cada grupo posiciona História em relação a história para tentar demonstrar de que modo cada abordagem conspira para o uso da segunda concepção e a supressão tanto do “excesso de palavras” desencadeado pela Revolução Francesa quanto do anacronismo do evento da Revolução.

Relatos de pessoas anônimas são centrais no livro, pois, com a “morte do rei” e os eventos da revolução, entrou em cena um personagem novo, segundo o autor: a massa, cuja voz passa a ecoar da democracia ou, às vezes, do anonimato.

Ele, por isso, confere à Revolução Francesa o papel de “pausa epistemológica”, que chamaria de nova estrutura poética do conhecimento. A base dessa estrutura, diz, é a falta de relação entre as palavras e as coisas ou o excesso de significado, para além do significado.

São esses precisamente os sentidos de *histoire* que Rancière evoca no título do livro. Por agregar duas “coisas” diferentes, a palavra história serve de exemplo do “excesso de palavras”. E é esse excesso que possibilita à História existir como disciplina, que tenta escapar à esfera da literatura, da crônica e, ainda, não ser confundida com as histórias contadas.

“Não era simplesmente o fato de poder conciliar os rigores de uma com os encantos da outra. Era, bem mais profundamente, o fato de que apenas a língua das histórias era capaz de marcar a cientificidade própria da ciência histórica: uma questão não de retórica [...] mas de poética, constituindo em língua de verdade a língua tão verdadeira quanto falsa das histórias”.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)